

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO #20 — AFRICA #25 — ESTRANGEIRO #40

N.º 36 (126) — 18-11-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO
CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

O QUE SERIA A OBRA DO MESSIAS...

Quando se anunciou aos quatro ventos das grandes sensações que, esbaforidamente, no *Sud-Express* largado de Paris, vinha o eminente e afônsico *Elias Malaquias* da salvação democrática, tão ansiosamente esperado por uma multidão de papalvos; quando, para justificarem tão pressurosaabalada messiânica, conclamaram ao país que o sacrifício patriótico de tamanho e argênteo vulto, tanto tempo agachado nos parisienses *boulevards*, se destinava a salvar os quatro tarcos que a benevolência dos prestamistas estrangeiros ainda não permitiu o seu arresto — nós rimo-nos a bandeiras despregadas, com aquela satisfação profunda que teríamos ao presenciar uma bem montada revista tôda enriquecida de fina piada...

Porque tudo isto tem uma imensa graça, e mais engraçado ainda se torna, embora neste caso haja uns ressaibos de tristeza, por sabermos que, infelizmente, ainda há lanzudos que acreditam nos infalíveis milagres políticos e económicos do adorado taumaturgo S. Afonso de Ligório...

Coloquemo-nos, porém, graves; abandonemos, por momentos, sequer, aquela anavalhante e franca gargalhada com que costumam receber sempre tôda a pantomina que se exhibe no tablado nacional... Discutamos, pois, a sério... enquanto nos não fizerem rir...

O messias andou uns anos pelo estrangeiro — muito bem; privou de perto com os principais homens públicos das outras nacionalidades — perfeitamente de acôrdo; estudou de *visu* como lá fora é a arte de governar os povos — incontestavelmente certo...

Mas se, à primeira vista, é de supôr que o homem, que outrora fez tôda a sorte de dis-

parates e cometeu tôda a sorte de violências, modificou a sua tática governativa e refreou os asnáticos processos de ataque ao operariado, como medidas exclusivas de lhes satisfazer as suas aspirações de liberdade, de viver confortavelmente — olhando a fundo a questão, sem desperdiçar as mais insignificantes características, depressa nos convenceremos de que o *racha* sindicalistas e anarquistas, se não é o mesmo, é, para *adoptarmos* todo o optimismo, pelo menos pior...

Não nos esqueçamos — e isto é um grande factor testemunhal para o nosso caso — que o *foragido*, transformado agora em arrependido e recenvindo *filho pródigo*, apesar de *foragido*, já-mais deixou de exercer a sua influência, de dar e baralhar cartas por baixo de mão, de puxar os cordelinhos secretos para que tôda uma estrelada macacada se mexesse arlequinicamente nesta *dégringolade* que nos tem levado à mais pavorosa ruína... Ele, o *augusto*, o *omnisciente* e, embora de longe, *omnipresente* estadista intangível — nunca deixou a sua reputação, a sua importância por mãos alheias: — de Paris, ditou, aconselhou, premiu, por assim dizer, governou... regaladamente, comodamente, safo de todos os perigos imediatos...

Mas que assim não fôsse: ¿que de extraordinário traria o *homem* de fora? As *virtudes* e a ciência política e económica de Poincaré?

Poincaré é um fervoroso reaccionário, que metamorfoseou, desgraçadamente, a capital da França, outrora a esperança e o guia das revoluções de emancipação dos povos, no mais odiado centro de gravidade da reacção mundial. Poincaré é aliado intransigente dos metalurgistas, dos ricos *clans* plutocráticos, de que é sócio efectivo,

e devido aos quais há tôda aquela guerrista e inferneira ocupação do Ruhr...

Reaccionário, negociante por grôso e militarista fogoso — eis o que êle é...

Admitamos que não é Poincaré que o grande Elias quer copiar.

¿Quem, então? ¿Mussolini?

¡Oh! Mas Mussolini escalou o poder através os assaltos das organizações operárias; ao clã dos incêndios lançados às agremiações sindicalistas, anarquistas, comunistas e socialistas; e esparrinhado, e salpicado pelo sangue de centenas de vítimas... Sentou-se no poder, estrangulando a liberdade e depois duma série tenebrosa de assassinatos.

¿Para quê?

Para fortificar o Estado, torná-lo mais despótico, mais comerciante, mais enriquecido à custa do trabalho do povo operário — que não para libertar tôda a população italiana sem exclusão alguma.

Ao cabo de um ano de experiência mussolinica, de experiência fascista, o quociente da divisão da felicidade geral dá-nos êste resultado: um acréscimo de miséria e a continuação das violências — a falência duma ditadura política e económica e a declaração do chefe do fascismo italiano de que, quando se alcançou no poleiro, não foi para trazer o bem estar a tôda a gente, visto que, havendo Estado, há sempre a luta de concorrência e sempre injustiças, visto que, havendo govêrno, há sempre rivalidades, interesses feridos e mais protecção para um lado comercial, industrial e financeiro, do que para o outro...

De Rivera, nem vale a pena falar. Esse também se esbarrou até chegar à conclusão de que, para a boa marcha dos negócios do Estado, não bastam as espadas — mas é necessário haver igualmente bons políticos. Ora como o golpe do Rivera foi, de preferência, segundo as suas afirmações, vibrado aos antigos políticos cor-

rompidos; e como na gente não *corrompida*, na gente *moça* da política não há experimentados à altura das necessidades do bom *crédito* da nação... oficial, para não falarmos na incompetência das fardas que são habituadas a rastejar as durindanas — segue-se que o *valiente* D. Quichote moderno está entre êstes dois dilemas: — ou abrir uma academia para a formação de novos políticos e financeiros, e neste caso o país espanhol terá de arrastar-se numa espera penosa, ou então entregar de novo o poder aos escorraçados e dissolutos politicantes de ontem...

Imaginem o resultado de uma cópia de tal natureza feita pelo actual D. Sebastião saído das *brumas* de Paris...

Estes três exemplos, para não nos alongarmos mais, são de sobra para demonstrar ao operariado ingênuo que o *predestinado* messias jamais podia, jamais pode servir de *ferro quinol* à debilitação nacional, que para nós significa o depauperamento, anemia, a ética de todo um povo que trabalha e sofre para suprema satisfação de um grupo de bandarras que levam a vida a extorquir e a esbanjar o que é pertença de uma comunidade inteira...

O mestre Afonso, como todos os bons políticos e financeiros, quer nacionais, quer estrangeiros, está coligado a grandes empresas, companhias e bancos. Tôda a sua política e tôda a sua economia, pela ordem natural burguesa e societário dos interesses particulares e oficiais, residiria, residirá nas boas relações do Estado como *clan* capitalista a que pertence. Os outros *clans*, menos favorecidos, para já não aludimos às camadas pobres, ao rebotalho desprezível, tratariam, como agora sucede, de fazer a sua opposição ao govêrno para, derrubando-o, colocar lá gente da sua confiança...

E' a isto, segundo o critério burguês, que se chama ciência política, económica e social...

Quando se diz: chegou o ho-

mem capaz de salvar a pátria, quer-se dizer: chegou o homem que se vai inclinar mais para a nossa balança mercantil, para o saciamento mais lato dos nossos apetites insatisfeitos... O povo que trabalha, esse fica sempre o mesmo escravizado, o mesmo escarnecido, o mesmo coarctado nos seus mais sagrados direitos de viver feliz...

O político, seja ele qual for, está dependente do negociante, e este daquele. O Estado capitalista é um balcão que se associa a todas as grandes empresas, mas que apadrinha quem maior lucro lhe der. Para que houvesse um governo completamente alheio das traficâncias mercantilistas, era preciso vir buscá-lo à plebe, aos esfomeados, aos esfarrapados... Mas mesmo esse, pela força imperiosa do contágio corrupto duma sociedade iníqua e baseada num falso direito e numa falsa justiça, bem depressa se corromperia; ou, caso contrário, seria corrido... tal a série de dificuldades e de oposições que se ergueria à sua volta...

Foi essa mesma série de dificuldades e oposições levantadas por uma multidão de ambiciosos, de egoístas, de gameleiros inefridos, pertencentes aos vários grupos de traficantes financeiros—que fez com que o messias desse com o *burrinho na água*, falisse estrondosamente, fizesse a maior das farsas—saindo precipitadamente do seu doce enlevo parisiense para vir enrascar mais a farça da política nacional...

Porque isto só vai com uma revolução—mas não só a revolução dos estômagos vazios dando o seu peito às balas, mas também a revolução pela qual o operariado tome conta das fábricas, oficinas, *ateliers*, etc., conservando-se nelas e cuidando da produção, da distribuição e do consumo de um modo directo, e sempre vigilante para que se não forme outra charlatanice do poder e, portanto, qualquer outro sistema de ditadura...

Então, dentro em breve, poder-se há exclamar com toda a força dos nossos pulmões:

—*Chiça...*

Se, a natureza nos oferece um nó, difícil de desatar, deixemo-lo como está e não empreguemos para o cortar a mão dum Enté que se torna, em seguida, para nós, um novo nó mais indesatável do que o primeiro.

DIDEROT.

Apontamentos...

Por uma carta que a «censura» militar, talvez inadvertidamente deixou seguir o seu destino, sou informado que a Espanha dos frades, dos toureiros e dos *chinguiços* regressou aos tempos malditos das siviças e da inquisição.

Na verdade, a ditadura, rígida e implacável dos generais coligados, não podia conduzir a outros processos de governo. Um ditador—e digam o que disserem em contrário—é sempre uma figura sinistra, uma fera que arreganha os dentes e crava as suas garras afiadas naqueles que não se ajoelham, à sua passagem; para lhe renderem as mais brilhantes e calorosas homenagens.

Ora os generais que se coligaram para dar o golpe de Estado em Espanha, tendo, a par dos mais ferozes instintos de ditadores, uma educação essencialmente caserneira, não podiam, uma vez triunfantes, governar os seus súditos pela tolerância e pela intuição. Os ditadores cuidam muito pouco do sentimento: o que eles cultivam, de preferência, é o instinto criminoso e anti-humano da besta.

De maneira que, alcançados nos escritórios da governança, a sua preocupação foi a de transformar o país, de que se dizem os «legítimos representantes», num imenso quartel, onde os mais leves gestos de rebeldia são castigados severamente.

E' por isso que as prisões espanholas regorgitam, actualmente, de detidos. Segundo o que me diz a referida carta, «em Espanha, a ditadura fez «perder o respeito pelos indivíduos e pelas suas organizações. Impera o arbítrio; «domina a vontade omnipotente dos bandoleiros que «tiveram o gesto audaz de «se proclamar os donos disto. «A época de Carlos V reapareceu em pleno século XX! «A perseguição não pode ser «maior. Os elementos operários, conhecidos pelas suas «ideias avançadas, andam a «monte. Mas, aqueles que «não puderam fugir a tempo, foram presos. O que se «passa nas prisões, é espantoso! Nessas casamatas onde encerram os detidos—cujo delito é apenas o de

«pensar livremente—passam-se coisas que ultrapassam os horrores do inferno de Dante!

«A ditadura militar espanhola, «é, para o proletariado militante, uma segunda edição «dos períodos inquisitoriais. «Tú, meu amigo, não fazes «uma pálida ideia do que é «este regime. Só de recordá-lo, põem-se-me os cabelos em pé. Todo o indivíduo que seja desafecto à ditadura dos generais e às «pragmáticas dos padres, é «vigiado, perseguido, maltratado e preso pelos esbirros a soldo deles, isto é, «está sujeito às maiores torturas morais e materiais.

«Podes, pois, afirmar sem receio de desmentido: em Espanha reina o terror inquisitorial. Aonde nos conduzirá esse terror, é que eu não sei. O que sei é que o sofrimento não pode ser maior. Para nós, que lutamos por uma sociedade totalmente distinta da sociedade capitalista, bem entendido. Porque, para os nababos, para os parasitas e para todos os malandrões que vivem a expensas do trabalho alheio, a ditadura oferecê-lhes inúmeras vantagens. E eles dão-se muito bem com ela. E' que os bandidos, como os lobos, nunca se devoraram. São sempre irmãos. O afegão é apenas para dar nas vistas. Mais nada.»

E' de confranger o coração mais duro, a revelação do meu amigo. A Espanha actual é um vasto tribunal da inquisição. Mas esse tribunal atinge só os trabalhadores conscientes.

¿Não seria possível organizar-se uma grande manifestação de protesto contra o procedimento infamíssimo dos ditadores espanhóis?

Quem cala, consente. Pois bem: perante uma patifaria que cometem contra os nossos irmãos de sofrimento e de trabalho, nós não nos podemos calar: protestamos, mas protestamos com veemência:

Abaixo a ditadura espanhola!

Abaixo todas as ditaduras...

PEDRO GUIMARÃES.

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Preço \$20; pelo correio \$30.

AVENDA NESTA REDACÇÃO

A CIVILIZAÇÃO

(DIALOGO entre um mouro e um espanhol)

—És um cão, um canalha, um miserável... mourito duma figa.

—Eu? E... e... porquê?... porquê?

—Porque és um incivilizado, um bruto, uma besta, um animal.

—Eu aprender tuas bestialidades. Antes de te conhecer, eu não sabia matar nem aplicar lei de fuga...

—Trago-te o progresso, a civilização...

—...a tiros de canhão e de espingarda...

—...máquinas para produzires o que é necessário...

—...para outros...

—...caminhos de ferro...

—...para me explorar...

—...livros, riqueza, progresso...

—e praças de touros.

—¿É porque é que não queres o nosso progresso, nem a nossa civilização?

—Eu não ser livre em civilização tua. Eu ter um irmão tua civilização e trabalhar 12, 14 e 16 horas diárias para ganhar três pesetas e não poder comer. Ter casa má, suja... Sua mulher entregar-se a outros homens, para ganhar mais dinheiro e poder alimentar-se. Eu não querer esta civilização... Eu não querer teu progresso... espanhol maldito.

Não, não querer...

Um sorriso... de ironia

No congresso comunista, há pouco realizado em Lisboa, o sr. Joaquim Cardoso criticou, segundo a *Batalha*, os anarquistas, sorrindo-se irónicamente ao referir-se à «imagem sedutora da anarquia». Nada temos com os indivíduos que se sorriem das «imagens», porque nós também nos sorrimos das cartas que o sr. Joaquim Cardoso costuma escrever. A única diferença que há entre nós, é esta: o sr. Joaquim Cardoso sorriu da imagem, porque não a percebeu, nem nunca a percebeu; e nós sorrimos das cartas dele, porque sabemos alguma coisa de português.

De modo que estamos daqui a ver o sorriso do futuro-comissário do povo: era o sorriso do pobre lapónio em frente duma coisa que desconhecia por completo.

A revista CLARIDADE

Urge que os anarquistas da região portuguesa façam o máximo esforço para que a sua publicação se verifique.

A notícia de que um grupo libertário de Lisboa estava trabalhando activamente na organização duma revista que virá reforçar a propaganda anarquista na região portuguesa, causou entre os elementos revolucionários uma agradável impressão.

De facto, a par da *Comuna*, semanário caracterizadamente de combate, sente-se a falta duma revista doutrinária, de serena exposição de ideias que coadjuve a acção combativa da *Comuna* e irradie na sua máxima pureza os ideais sublimes que defendemos.

A revista *Claridade*, que o grupo do mesmo nome pretende editar, ou será uma revista que se imponha pelo seu recheio doutrinário e pelo seu arranjo artístico, ou não se publicará, porque o referido grupo entende que não vale a pena lançar uma publicação de vida económica miserável e sem recursos para se manter à altura das necessidades de propaganda.

O grupo editor está confiante na consciências revolucionária dos anarquistas portugueses. A empresa a que meteu ombros é árdua. As dificuldades a vencer são grandes; mas está convencido de que, com a ajuda de todos os que desejam a emancipação do povo e a implantação duma sociedade livre, todas as dificuldades se vencerão.

Enviou o grupo *Claridade* inúmeras circulares de propaganda da revista e de solicitação de auxílio, e espera que as respostas sejam rápidas e favoráveis.

Para se lançar a revista *Claridade*, com todas as probabilidades de êxito e sem receio de vê-la morrer ao terceiro ou quarto número, como tem sucedido a tantas publicações do mesmo género, será necessário ter em cofre, positiva, a quantia de 4.000 escudos.

O grupo *Claridade* está preparando uma série de trabalhos de propaganda que lhe grangearão algumas centenas de escudos. Vai promover uma recitação num teatro de Lisboa e algumas conferências, de entradas pagas, sobre os assuntos de mais palpitante actualidade. Entretanto, o grupo *Claridade* espera que, por sua vez, os camaradas simpatizantes saberão ter iniciativas das quais

resultem alguns proventos a favor da revista. Existem vários grupos dramáticos espalhados pelo país que poderiam fazer reverter a favor da revista *Claridade* o produto liquido de algumas das suas réditas. Aí fica o alvitro para quem o queira aproveitar.

A revista *Claridade* surgirá com 32 páginas de texto profusamente ilustrado, e de arranjo gráfico agradável. Inserirá várias secções de doutrina, crítica, estrangeiro, literatura, arte, teatro e educação física. A situação da mulher, que aos anarquistas deve merecer a sua melhor atenção, será tratada por algumas camaradas que ao assunto tem dedicado os seus estudos.

O grupo *Claridade* incita todos os anarquistas a juntar os seus esforços, a unir-se no grande trabalho de realizar a obra urgente que é a publicação da revista *Claridade*.

Urge que se abram quêtes a favor da revista e que o seu produto seja enviado no mais curto prazo para o camarada David de Carvalho, Travessa Agua de Flor, 16-1.º — Lisboa.

Pró-viúvas e filhos das vítimas da explosão das ANTAS

Transporte . . .	370\$90
Grupo P. Libertária . . .	16\$00
» «A Comuna» . . .	13\$00
» «Solidários» . . .	17\$25
» «Isolados»: subscritores:	
Almeida, Condutor . . .	1\$00
José Faria Braga . . .	1\$00
Dionízio Gomes . . .	\$50
António Magalhães . . .	1\$50
Amândio Pinto . . .	1\$00
Giliat	1\$50
José Santos Leite . . .	1\$50
Ant.º Pinto Madureira . . .	1\$00
Manuel Fortunato . . .	1\$00
Manuel Carmo Pinto . . .	\$50
Manuel Marques . . .	1\$00
J. Pinto dos Santos . . .	\$50
Belmiro de Menezes . . .	\$50
António Lourenço . . .	\$50
António Machado . . .	1\$50
Abílio B. Guimarães . . .	1\$00
Mário Azevedo . . .	2\$50
Alberto Pinto . . .	\$50
Francisco Fernando . . .	1\$00
C. Pimenta Magalhães . . .	\$50
José de Sousa Ribeiro . . .	\$50
Delvino Raul da Silva . . .	\$50
A transportar . . .	437\$65

Se estais convencidos que tendes por vós a verdade, e para que a defendeis, recorrendo à mentira?

Por acaso veio-nos ter outro dia às mãos o número 84 de «O Eco do Arsenal», — o órgão do Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional —, e, entre várias coisas, atraíu-nos a atenção um artigo intitulado «As forças operárias no movimento sindical» da autoria de A. Lozowski, personagem de confiança do governo moscovita, e secretário, supomos nós, da Internacional de Moscóvia.

Depois de o termos lido atentamente, ficamos bastante surpreendidos, não pelas afirmações nele feitas por Lozowski, pois que este, como dedicado burocrata bolchevista, não podia falar doutro modo, mas por ter havido um jornal operário, — órgão duma classe onde existem tantos indivíduos conscientes e cheios de boa fé —, que o tivesse achado digno duma tradução, e de o transcrever nas suas colunas.

Além de ser disparatada a pretensão de Lozowski de demonstrar com números a superioridade da sua doutrina, como se a quantidade de adeptos duma ideia pudesse comprovar a sua veracidade, reputamos como falsas as suas afirmações no que se refere à Associação Internacional dos Trabalhadores. Não é verdade que este organismo tenha sido constituido só com pequenos grupos libertários de Espanha, da Alemanha, e da Itália, (mesmo que assim fosse não tinha razão nenhuma de ser o fraseado de Lozowski, visto que o que pesa para estes casos é a qualidade dos elementos e não a quantidade), porque entendemos que os sindicatos espanhóis aderentes à A. I. T. não são «pequenos grupos libertários.»

Porisso, repetimos, que nos surpreende bastante que, vivendo nós paredes meias com a Espanha, e conhecendo-se, mais ou menos, aqui, o valor e a

importância das diferentes correntes revolucionárias daquele país, não tivesse havido alguém na redacção do «Eco do Arsenal» que tivesse observado, ao tomar conhecimento do arrazoado de Lozowski: «olha, se todas essas declarações são verdadeiras como as que se referem à Espanha, país que mais de perto conhecemos, mais vale, em vez de as publicar, deitar isso tudo no caixote do lixo, e mandar o tal sr. Lozowski... passear.»

ANTOLOGIA

O terror...

De 1792 a 1794, a revolução jacobina, burguesa, exclusivamente política, devia, necessariamente chegar à hipocrisia legal e à solução de todas as dificuldades e de todas as questões por meio do argumento vitorioso da guilhotina.

Quando, para extirpar a reacção, os homens se contentam em atacar as manifestações dela sem lhe tocar nas raízes e nas causas que a apresentam sempre como nova, chega-se, forçosamente à necessidade de matar muitos indivíduos, de exterminar, com ou sem forma legal, muitos reacconários. Então, acontece fatalmente que, depois de ter matado muita gente, os revolucionários são levados a esta penosa convicção; não ganharam nada nem fizeram a sua causa avançar um passo, isto é, deserviram-na, tendo preparado, pelas suas próprias mãos, o triunfo da reacção. E isto por um duplo motivo: o primeiro é que as causas da reacção tendo sido espalhadas, multiplicaram-se, apresentando aspectos novos; e o segundo, é que a carnificaria, o massacre, terminam por fazer revoltar sempre o que há de humano nos indivíduos, inclinando o sentimento popular para o lado das vítimas.

MIGUEL BAKUNINE.

(1870)

PRÓ-MINEIROS

de S. Pedro da Cova

Transporte . . .	105\$15
Da América, por intermédio do camarada António S. Alves . . .	200\$00
De Tomar:	
José Gowes da Costa . . .	2\$15
A transportar . . .	307\$30

Caleidoscópico

A Justiça militar

No *Journal de Paris* e sob este sugestivo título: *Eles queriam ser condenados à morte! E o tribunal fez-lhes a vontade*, encontramos este telegrama:

Casablanca — Seis alemães e um polaco da legião estrangeira, e dois franceses dos batalhões disciplinares, já condenados a várias penas que variavam de dois a oito anos de trabalhos forçados, foram remetidos ao conselho de guerra de Casablanca, acusados de extraviar de objectos militares.

No decurso da audiência, os nove inculcados confessaram que tinham procedido assim para evitar os trabalhos forçados, visto que o crime de agora era punido, apenas, com a prisão.

Os dois franceses, que tinham tatuada, na testa, esta legenda: *Basta de azar!*, atiraram os seus bonés à cara do presidente do conselho de guerra, o coronel Juilliard, ao mesmo tempo que gritavam: «preferimos a morte a ter de regressar para as prisões.» O conselho de guerra fez-lhe a vontade, condenando-os à pena última.

O facto dos homens, levados ao desespero, verem, na prisão, uma coisa muito pior do que a morte, não inspirou, ao jornalismo burguês, nenhuma reflexão grave, mas um simples título mesclado de ironia.

Sim! Um drama sinistro, que val terminar em tragédia sangrenta, deixa indiferentes os nossos jornalistas da «ordem», os quais estão sempre dispostos a denunciar a desordem, o delito, enfim, qualquer reivindicação, por mais pacífica que seja, dos oprimidos e dos deserdados.

E saber-se que factos semelhantes se passam em todos os países, onde o militarismo continua a imperar e a maltratar os pobres soldados, mesmo depois da última guerra pelo direito e pela civilização!...

A difadura espanhola

Os amantes e propagandistas das ditaduras, embandeiraram em arco na ocasião em que o Primo da Rivera se apoderou do poder. Cantaram-lhe loas e entoaram-lhe hosanas.

Os decretos que êle publicou foram logo vertidos à língua pátria, analisados e comentados. «Aquilo sim» — vociferavam às turbas ansiosas de notícias «frescas». E entre todos os decretos da sua autoria, o que mais deu nas «ganas» aos ditadores de cá, foi o que se referiu às despesas inúteis com empregados supérfluos. Doravante, só quem trabalhasse, e que esse trabalho fosse necessário, é que poderia contar *com los quartos*. E apontavam isso como uma medida *moralizadora* para a república.

Afinal, o tal decreto santo foi tam bem aplicado às tais despesas inúteis com empregados supérfluos, que a Espanha apresenta-nos, hoje, este quadro de militares que nada fazem de utilidade para o país:

Serviço activo: 1 capitão-general; 20 tenentes-generais; 39 generais de divisão, e 113 generais de brigada. **Reserva com destino:** 3 tenentes-generais; 13 generais de divisão, e 182 generais de brigada. Ao todo, 371 pessoas *perfeitamente* inúteis e prejudiciais. Constituem mesmo como que um cancro no país vizinho.

E ora aí está como foi prática o tal decreto que tanto encheu de orgulho os nossos ditadores e os aspirantes à ditadura.

Uns navios e um apêlo

Outro dia vieram ao Tejo — um de cada vez — dois navios da república dos Sovietes. Grande regoio nas fileiras dos ditadores, que costumam tomar a nuvem por Juno, e grande entusiasmo por essa *data histórica*. Houve até criaturas que passaram «os melhores momentos da sua vida dentro das salas dos navios, onde havia abundância de tudo» e do mais que êles nos descreveram. Agora, e após o apêlo «fletivo dos intelectuais russos, que vivem na mais extrema miséria, e que sentem-se sentiriam, no meio dêle, as memórias criaturas?» Os marinheiros tinham abundância de tudo; os intelectuais russos não temem que comer. «Que diabo de igualdade é esta?»

De duas uma: ou nos querem meter a Serra da Estrêla por um «olho dentro», ou a realidade das coisas é muito outra. São os factos que os demonstram,

senhores ditadores de pacotilha.

Um difo de Baudelaire

Um dia, Baudelaire, o famoso poeta das *Flores do Mal*, acabava de almoçar com alguns amigos, quando notou, na chaminé da sala de jantar, um boneco hediondo, de barriga grotesca.

— É um idolo que achei na Africa, numa tribu selvagem — explicou o dono da casa.

— Então — redarguiu o poeta, com o seu tom mais sério, repondo respeitosamente no seu lugar o monstro — então não lhe toquemos! E' talvez o verdadeiro Deus...

A «justiça» mussolinica

O conselho de ministros da Itália resolveu conceder às famílias das vítimas do atentado de Janina, a título de indemnização, as seguintes quantias:

A família do general Tellini, 1 milhão de liras; à do major Luigi Cort, 500 mil; à do tenente Bonaccino, 300 mil; e à do *chauffeur*, 200 mil.

Assim, dos 50 milhões extorquidos à Grécia, a título de indemnização, bastaram dois milhões para indemnizar as famílias das vítimas. E os 48 restantes?

Certamente vão cair nos bolsos dos fascistas. Porque a «justiça» mussolinica é assim: NÓS, acima de tudo.

Secho alegre

Um espanhol ia sendo vítima dum desastre, quando, em um lago, esteve prestes a afogar-se, livrando-o o facto de ter-se agarrado a uns ramos que encontrou.

— Gracias a Dios, hombre! — exclama um amigo, vendo-o livre do perigo.

— Gracias a Dios, non! — disse o primeiro. Gracias a la ramata, pues la intención de Dios era m'afogar...

Publicações

Da Editorial Fuego, de Buenos Aires, recebemos os cadernos 18 e 19 e o Suplemento n.º 2, da sua excelente publicação *Sembrando Ideas* (Semeando Ideas). O caderno n.º 18, intitula-se Ferrer (páginas para a história) e encerra quase toda a documentação do processo que a reacção espanhola intentou contra êste nosso camarada.

O caderno n.º 19 principia com a publicação da conhecida

fantasia comunista de Jean Grave — *Terra Livre*.

O suplemento insere os magistraes artigos de Miguel Bakunine sobre a Internacional, reunidos sob esta designação genérica: *A Política da Internacional*.

O preço de cada caderno, é de 0,20, e dos suplementos, é de 0,10, (moeda argentina). E os pedidos, acompanhados da respectiva importância, devem ser feitos à Editorial Fuego, Azcuénaga, 16, Buenos Aires, República Argentina.

Testas y Tiestos Coronados

Acaba de se pôr à venda *Festas y tiestos coronados*, folheto original do grande escritor Angel Samblacant, e excellentemente apresentado pela Nova Editorial «El Sembrador».

A brilhante pena de Samblacant refulge nas páginas dêste folheto com a intensidade do conceito a que acostumou os seus leitores.

Testas y tiestos coronados constituem uma coleção seleccionada de trabalhos literários que, sugerindo ideas rebeldes, fazem uma rigorosa crítica a todos os tempos.

Assim, êste folheto deve ser lido por todos os individuos que trabalham por derruir a sociedade actual, visto que é um folheto de meditação e de estudo. Precede-o umas breves palavras do erudito escritor Eugénio Montes.

O preço é de 40 centimos (1\$50) cada exemplar. E os pedidos, acompanhados da respectiva importância, devem ser feitos a Mário Pommercy, Bolla, 8 — Madrid, Espanha.

Mirbeau

Albin, o interessante publicista da escola individualista francesa, dá-nos, todos os meses, uma biografiuzinha dos homens mais notáveis que, neste mundo, fizeram alguma coisa pela literatura, pela arte, pela sciência, pela filosofia, etc. No n.º das suas publicações correspondente a Outubro, Albin biografa êsse génio da literatura idealística que se chamou Octave Mirbeau, o qual, passou a vida a «esmagar com a sua ironia corrosiva os preconceitos e as mentiras com aspecto de verdades.»

Porque não creio em Deus

Preço: 1\$00; pelo correio 1\$10
A VENDA NESTA REDACÇÃO